

## *Ngugi Wa Thiong'o: o percurso de um intelectual africano e a história do Quênia (1964-1985)*

*Ngugi Wa Thiong'o: the path of an african intellectual and the history of Kenya (1964-1985)*

*Bruno Ribeiro Oliveira\**

---

**Resumo:** este artigo faz uma compreensão da obra do escritor e militante queniano Ngugi wa Thiong'o entre os anos de 1964 e 1985, aliando investigação histórica e literária sobre seu percurso intelectual e a história do Quênia. A bibliografia produzida por Ngugi é investigada quanto à sua percepção da história queniana que é de fato presente em seus escritos literários e ensaísticos. Amparado em uma concepção de história e da história de África e do Quênia, própria de Ngugi, é desenvolvida uma descrição e análise da sua biografia, pensamento e compreensão que ele faz do passado e como o autor o utiliza em sua literatura e militância.

**Palavras-chave:** Literatura africana. História do Quênia. Ngugi wa Thiong'o (1938-).

**Abstract:** This article focuses on the writer and militant Ngugi wa Thiong'o works produced between the years of 1964 and 1985, merging historical and literature research about his intellectual career and the history of Kenya. The bibliography produced by Thiong'o is researched within his perception of Kenyan history that is well present in his literary and essayist writings. Based upon Ngugi's conception of history and the history of Africa and Kenya, this article develops a description and analysis of his biography, thinking and comprehension that the author has of the past and how he uses it in his literature and militancy.

**Keywords:** African literature. History of Kenya. Ngugi wa Thiong'o (1938-).

---

\*Mestre em História pela Universidade de Lisboa. *E-mail:* 1988broliveira@gmail.com

## Introdução

Ngugi wa Thiong'o (1938) é um escritor e acadêmico queniano. Como um escritor pós-colonial, ele compartilha com outros artistas da África uma infância em tempos colônias<sup>1</sup> e um desenvolvimento intelectual entre a colônia, o processo de descolonização e a formação dos estados independentes. Ngugi viveu no Quênia colonial (1920-1963), passou pelo fenômeno da insurgência Mau Mau (1952-1960) e pelos anos de formação de um estado-nação soberano, formalmente independente em 1963. Suas memórias, uma determinada visão da história de África e do Quênia tiveram um profundo efeito sobre sua intelectualidade e sua produção escrita, seja ela artística ou militante que, em muitos momentos, estão entrelaçadas.

O autor-alvo deste estudo é mundialmente reconhecido pelos seus romances e pela sua militância na África e no Quênia. Questões sobre colonialismo, neocolonialismo, imperialismo e luta de classes estão presentes, e o autor dificilmente se afasta destes conceitos nos seus escritos literários e ensaísticos. Seus cenários, as histórias e as personagens, ou seja, toda sua diegese ocorre numa África onde a dominação colonial foi, de modo geral, o grande cataclisma que assolou e assola (por meio das continuidades) a vida das populações quenianas e africanas.

Neste artigo, eu procuro investigar uma parte da produção intelectual de Ngugi escrita entre os anos de 1964 e 1985. No período escolhido, o autor produziu escritos sobre o Quênia, África e sobre uma determinada concepção de história, em que ele ampara sua visão de mundo. Pretendo mostrar qual é esta concepção histórica que ele carrega, como ele a adquiriu e digeriu, demonstrando, então, suas influências. Proponho examinar onde a história, sua literatura e militância se encontram e como ele explica o passado, o presente e o futuro, construindo uma teleologia. Para isto, utilizarei os exemplos dos guerrilheiros Mau Mau, ou *Kenya Land Freedom Army*, para mostrar como Ngugi cria uma narrativa saudosa, militante e memorial da história queniana e africana.

### **A formação intelectual de ngugi): literatura, cristianismo e marxismo**

Ngugi nasceu na pequena vila de Limuru, nos arredores de Nairóbi, cidade erguida pelos *settlers* britânicos, e cresceu durante as décadas finais do colonialismo, sobre o que viria a se tornar a República do Quênia em 1963. Ngugi cresceu entre dois períodos bastante marcados e marcantes que dividem a história africana: o período colonial e o período pós-colonial. O período da insurgência Mau Mau (1952-1960) foi marcante na história

queniana e se tornou um tema clássico na historiografia africana. Ngugi escreveu suas memórias, *Sonhos em Tempo de Guerra* (2010), em que ele relata a repressão, o medo, os entes próximos que perdeu no conflito e a questão da perda das terras bastante presentes nas memórias do autor e na historiografia sobre o período. Ngugi descreveu as ações das forças britânicas (THIONG'O, 2015, p.199), a perda das terras de sua família para os *settlers* (THIONG'O, 2015, p.17), sobre o trabalho forçado nas vilas cercadas e ocupadas pela Guarda Nacional, formada por lealistas (autóctones apoiadores dos britânicos), e a substituição de autoridades locais por autóctones leais ao governo colonial. (THIONG'O, 2015, p.177-178). A memória da repressão colonial durante os anos do conflito Mau Mau estão bastante presentes nas suas obras e na memória.

A sua infância na pequena Limuru e a guerra de guerrilhas Mau Mau marcaram o desenvolvimento da sua visão de África, do Quênia, do período colonial e está presente em grande parte de suas obras. Mas além deste conflito, em que Ngugi tem uma explicação própria sobre os motivos da guerra, os combatentes e seu desfecho, sua escrita foi marcada pelas influências cristãs recebidas nas escolas missionárias instaladas no Quênia, pela educação recebida na Universidade de Makerere em Uganda e também pela Universidade de Leeds na Inglaterra.

A formação nas escolas missionárias católicas e protestantes, bem como nas escolas independentes dirigidas por autóctones, forneceu uma base para a sua futura profissão de escritor. Nelas o autor teve formação na língua inglesa e tomou conhecimento da literatura desse país. As escolas que convertiam também forneciam, nas palavras do autor, “cuidados médicos muito necessários e até mesmo ensinassem habilidades práticas em marcenaria e agricultura juntamente com uma instrução literária limitada”. (THIONG'O, 2015, p.111-112). Os próprios kikuyus, habitantes majoritários das terras centrais do Quênia, buscaram a implementação da língua inglesa em suas escolas independentes, como forma de se entrosar nas burocracias do estado colonial. (THIONG'O, 2015, p.114-115; ACHEBE, 2009, p.107). Os escritores do leste africano, que se destacaram no período pós-independência, formaram-se a partir da educação colonial e também pós-colonial, sem descartar a presença de editoras locais e estrangeiras. (ELDER, 1993, p. 49).

Mas Ngugi, ainda que mais tarde venha a criticar a imposição da língua inglesa, reconhece as benesses da educação ocidental trazida pelos colonizadores. Para ele, o ensino oferecido, o conhecimento, a educação nos moldes ocidentais, podiam ser reconfigurados para uso dos africanos,

seja na melhoria da própria vida ou na luta contra a opressão colonial e pós-colonial. Em seu livro *The river between* (1965), um dos personagens, Waiyaki, é um professor que busca guiar o seu povo por meio da educação.<sup>2</sup> Waiyaki é um escolhido das tradições kikuyus, que vai levar o seu povo rumo a uma nova era, juntando a educação ocidental e a sabedoria kikuyu.

A influência do cristianismo é forte em Ngugi, e ele já foi reconhecido como o escritor mais cristão que a África produziu. O messianismo do seu personagem Waiyaki deve ser encarado como a forma em que Ngugi situa a si mesmo no mundo e como ele encara seus projetos militantes. Para Ngugi, todo problema existente no mundo físico tem uma base espiritual e moral. (NAZARETH, 1985, p.120). Uma determinada educação e emancipação intelectual, para Ngugi, é a chave para um mundo mais justo e isto passa pela compreensão que ele tem do Quênia e de sua história. O papel de um guia moral e educacional é recorrente nos seus escritos e em como ele encara a si mesmo e outros intelectuais. Pois, na sua visão, os intelectuais são os que carregam e transmitem saberes transformadores da realidade, em que se encontram, como o próprio Ngugi e sua atuação com os trabalhadores e educadores da área de Limuru no Quênia. Ngugi é como Waiyaki, busca combinar o melhor dos dois mundos para emancipar e educar seu público.

Foi como estudante, na Universidade de Makerere, que Ngugi publicou seus dois primeiros livros, *Weep not, child* (1964) e *The river between* (1965). Makerere era o local que atendia toda a África Oriental Britânica e foi nesse local que a língua inglesa se desenvolveu de forma mais literária e imaginativa do que política e antropológicamente. Outro importante fator que marcou o tempo de estadia do autor nessa universidade foi a forma como o local tratou o ensino da língua inglesa. Era insistido no uso correto do inglês britânico, impedindo a formação de um inglês do leste africano. Devido a isso, os personagens semieducados dos contos e romances de Ngugi falam um inglês formal e gramatical perfeito. (ELDER, 1993, p. 51).

Em 1969, ocorreu a *Annual Interdepartmental Subject Conference* em Nairóbi. Para a literatura do leste africano, esse foi um período marcante porque os departamentos de Dar es Salaam, Makerere e Nairóbi, então chamados de *English Departments*, passaram a se chamar *Departments of Literature*. Tirava-se Shakespeare e colocava-se África no centro dos estudos. A educação missionária forneceu bases morais e um certo arcabouço intelectual de críticas contra as práticas colonialistas e o universalismo cristão. Por outro lado, a Universidade de Makerere e eventos, como a *African Writers Conference em Kampala*, 1962, a *East African Writers Conference* em Nairóbi, 1971, e a já citada *Annual Interdepartmental Subject Conference*

abriram os horizontes do autor.<sup>3</sup> (ELDER, 1993, p. 53-54). O caminho intelectual de Ngugi, como homem das letras e como militante, passa por redes de contatos entre intelectuais e políticas que merecem maior atenção dos historiadores, pois a área é ainda bastante nebulenta. Depois de Makerere, um Ngugi cristão cedeu espaço para um Ngugi mais engajado no mundo que o rodeia; em outras palavras, um autor mais centrado em questões seculares.

A vida infantil e adolescente de Ngugi (suas memórias) estão presentes no modo como arquiteta e desenvolve seus romances. A narração dos seus romances, a partir de uma pequena aldeia como cenário, é um modo de operação bastante recorrente na sua literatura. Segundo Nazareth (1985, p. 120): “Ngugi deals with the whole of Kenya, and indeed the whole of the world, by focusing on a grain, a petal, a small village”. Seus primeiros romances se passam em pequenas localidades da hinterlândia queniana, e o foco do autor é nos embates com o mundo introduzido pelo colonialismo. Para Elder as tradições narradas por Ngugi são:

[...] depictions of customary blessings, proverbs, stories, rituals ceremonies, and dances are intended primarily to convey the sense of the lives of the indigenous people, thus providing characterizations and background for the protagonists. Many other examples, however, are used contrastively to illuminate the differences between african ways and those of the colonizers. (1993, p. 67).

Ngugi, em seus dois primeiros romances, é um autor desinteressado do combate que iria travar em seus escritos tardios, principalmente depois de Makerere. A tradição aparece apenas como uma alegoria e de uma ideia dicotômica sobre uma África dividida entre colonizados e colonizadores e um certo desconforto e dificuldade na vida entre estes dois mundos que, em geral, ele tenta manter numa separação bem clara, como duas margens de um rio. E, diferente do período de escrita que veremos a seguir, Ngugi não tinha um perfil militante. Mesmo o personagem Waiyaki, de *The river between*, encontra-se desafiado por aqueles que o rodeiam, não por ser um resistente defensor da África, ou um aliado do colonialismo, mas por procurar o melhor dos dois mundos.<sup>4</sup>

Após se graduar em Makerere, Ngugi partiu para a Universidade de Leeds, onde se tornou um fanonista, um leninista, um advogado do radicalismo político, em favor das massas subalternas ou da classe operária,

e se colocou numa missão de erguê-las pela emancipação do saber, para que, assim, pudessem cumprir o seu destino de tomar o poder e inverter a sua situação, rompendo os laços com o colonialismo, o imperialismo, destruindo o neo colonialismo e as elites autóctones que se aliam aos interesses estrangeiros para a submissão de África. É um Ngugi que sabe os caminhos e o que deve ser feito para terminar com o legado colonial. É como o seu personagem Waiyaki, que vai iluminar o caminho através da educação (THIONG'O, 1965, p.110), mas desta vez o caminho é claro: é socialista e anticolonial.

Como já citado anteriormente, todo problema deste mundo tem uma solução moral ou educacional para Ngugu, e é apenas uma questão de consciência e conscientização das pessoas oprimidas, *i.e.*, pessoas com um potencial revolucionário, para que o mundo desejado seja atingido. Em *Um Grão de Trigo* (1967), o autor abandona o nome de James Thiong'o e adota o nome pelo qual é conhecido até hoje, Ngugi wa Thing'o. A mudança de nome mostra uma maior determinação do autor em se colocar numa postura afrocêntrica, bem como romper com determinados traços da presença colonial. Essa postura acentuar-se-á mais no futuro e a mudança de nome acompanha uma mudança no modo como encara a África e o Quênia. *Um Grão de Trigo* é um tributo aos guerrilheiros Mau Mau e uma denúncia contra o regime pós-colonial, que nunca reconheceu os seus esforços. Em seu último livro escrito em língua inglesa, *Pétalas de Sangue* (1977), depois de um período de dez anos sem produzir romances, (Ngig) produz um livro onde explica com pormenores, da perspectiva de uma pequena aldeia, o que é neocolonialismo. (NAZARETH, 1985, p.127). Os livros são escritos entre seu mestrado na Universidade de Leeds e conferências internacionais. *Pétalas de Sangue* foi terminado em Yalta, onde participava como convidado da *Soviet Writer's Union*. *Pétalas de Sangue*, em determinados momentos, parece um manual de compreensão da África contemporânea, por um viés leninista e fanonista.

Um revisor da obra, Grant Kamenju, que compartilha dos ideários de Ngugi, afirma que *Pétalas de Sangue* é uma demonstração da verdade e da validade das análises de Lênin para a África e o Quênia; que Ngugi tem profunda noção de que o capitalismo financeiro imperialista é o verdadeiro inimigo da África (KAMENJU, 1985, p.130-131); e que o livro expõe a natureza clientelista dos estados pós-coloniais. (KAMENJU, 1985, p.133). Junto das outras obras produzidas até então, *Pétalas de Sangue* mantém, de semelhança com suas outras produções, as localidades da hinterlândia, a vida dos subalternos, e a dicotomia colono/colonizador. Mas, diferente das

suas outras obras, Ngugi propõe um enfrentamento a partir de uma receita bem fundamentada em clássicos estudos de África e imperialismo (Fanon e Lênin), para que o cidadão comum, organizado e consciente, possa inverter a situação de uma África submissa.

Na escrita dos seus primeiros três romances, os embates vividos entre seus personagens são locais e desinteressados dos grandes esquemas mundiais de imperialismo, capitalismo e colonialismo. As narrativas estão fechadas em suas próprias localidades, e a presença do colono e do colonialismo são apenas dados da vida comum (mesmo que tragam enfrentamentos e rupturas nas pequenas aldeias), ainda que Nazareth os pense, e tenha certa razão, que são essas pequenas localidades uma metáfora do mundo, o engajamento militante e a forma radical de encarar o passado, o presente e o futuro africano, só aparecem a partir de *Pétalas de Sangue*. Enquanto seus primeiros livros, *Weep, Not Child*, *The River Between* e *Um Grão de Trigo* vem ao público em quatro anos, Ngugi tem um tempo de maturação de dez até lançar *Pétalas de Sangue*. Como se antes da produção deste livro, Ngugi estivesse aprendendo a digerir novas formas de pensar sobre África. *Um Grão de Trigo* apresenta um Ngugi (afrocêntrico e politizado) que não é mais James (cristão e despolitizado) e que reconhece o passado de luta Mau Mau e os problemas de um estado neocolonial, através de conceitos fundamentados em Fanon e Lênin. Em *Pétalas de Sangue*, os pequenos conflitos da vida aldeã não são mais tormentos pessoais, passam, então, a estar engrenados em grandes estruturas mundiais de dominação sobre a África, sobre o Quênia, sobre as hinterlândias deste país e sobre cada indivíduo habitante de África. Em 1977, após iniciar a produção e peças de teatro e romances em kikuyu, Ngugi foi preso no governo de Jomo Kenyatta (1894-1978) e foi declarado inimigo do presidente seguinte, Daniel Arap Moi (1924-), que o levou ao exílio no início da década de 1980.

### A descolonização das mentes

Da formação em missões cristãs até um arcabouço teórico e intelectual mais radical e engajado, onde *Pétalas de Sangue* cataliza todo esse saber, nós podemos ter a ideia do desenvolvimento do autor até a formulação do livro *Decolonising the mind* (1985). Antes de adentrarmos uma análise de determinadas partes da obra, falta-nos descobrir certas bases do pensamento de Ngugi. Quais são as bases citadas acima nas quais Ngugi se baseia? Diz o autor que:

[...] I urge you to read two books without which I believe it is impossible to understand what informs African writing, particularly novels written by Africans. They are Frantz Fanon's *The Wretched of The Earth*, mostly the chapter titled 'the pitfalls of national consciousness' and V.I. Lenin's *Imperialism, The Highest Stage of Capitalism*. (THIONG'O, 1985, p. 63).

O autor tem em mente o marxismo de Lênin, Fanon e Marx.<sup>5</sup> Fanon afirma que os países da periferia mundial continuam a ser oprimidos pelo poder econômico e político das elites nacionais, pois elas mantêm traços do período colonial ainda no período denominado de neocolonial (BISSCHOFF, 2009, p. 7-8), além do seu maniqueísmo, que afirma a lógica colonizado/colonizador.<sup>6</sup> O revolucionário pensamento de Lênin e Marx também o impactam e os ideários de classes sociais, divisão do trabalho e estruturas bem-definidas de dominação passam a fazer parte da linguagem de Ngugi. Fanon, Lênin e Marx ateam-se mais à economia e política (ou uma análise social e política dominada por um viés economicista), área bastante explorada por marxistas e seus correspondentes. Ngugi segue essa regra, mas dá um passo adiante, um contributo ao pensamento africano contemporâneo, mas sem deixar de lado as suas bases fanonistas e leninistas.

Quando formulou suas ideias a respeito do imperialismo sobre a África, Ngugi dividiu o imperialismo em três níveis de operação. O primeiro, o *imperialismo econômico*, cujo objetivo é o controle dos recursos e da força de trabalho das pessoas. O segundo, o *imperialismo político*, que corresponde aos sistemas judiciais, políticos e às demais instituições estatais projetadas para gerir as pessoas que são desenvolvidas de modo a permitir a operação do *imperialismo econômico*. O terceiro nível do imperialismo é o *imperialismo cultural*, cujo objetivo é controlar os valores, a identidade e o modo como as pessoas se vêem. (THIONG'O, 1985, p. 18). Segundo o próprio autor, o *imperialismo cultural* ocorre da seguinte maneira:

Imperialism, of course, did this through educational institutions, through literature, religion, dances, everything. And they did this to make the colonised look at themselves through the cultural eyeglasses made in Europe. It has meant the colonised look at themselves through the eyes of the dominating nations, the dominating classes, and so on. If you look at yourself through the eyes of the person dominating you, then it means you are not really in a position to resist, or oppose him. That is why cultural control

is so important. A slave is not a slave until he accepts that he is a slave. (THIONG'O, 1985, p.18).

Ngugi faz uma identificação do problema que para ele é a raiz de todo o mal sobre a África: o imperialismo, seja na sua forma colonial ou pós-colonial. O imperialismo, alinhado ao capital financeiro e às elites autóctones, toma as rédeas do controle das instituições que gerenciam a vida diária e colonizam os espíritos das classes baixas, tornando-os meros escravos. É deste modo que ele se posiciona como um intelectual, ele gasta páginas escrevendo sobre cultura, língua, literatura, teatro e imperialismo cultural, deixando de lado os imperialismos políticos e econômicos já bastante estudados por autores neomarxistas. Seu contributo vem na forma do livro *Decolonising the mind* (1985), onde explicita suas ideias em respeito às línguas autóctones, ao papel do intelectual e das culturas autóctones na descolonização das mentes e na derrota do imperialismo sobre a África.

Para Ngugi, o estudo da língua inglesa em África é parte de uma bomba cultural lançada sobre o continente e que se chama imperialismo, e esta bomba tem o efeito de

[...] annihilate a people's belief in their names, in their languages, in their environment, in their heritage of struggle, in their unity, in their capacities and ultimately in themselves. It makes them want to distance themselves from that wasteland of non-achievement and it makes them want to distance themselves from that wasteland. (THIONG'O, 1985, p. 3).

O imperialismo, sob o manto do capital financeiro internacional, desde 1884, como um parasita, continua a afetar a vida dos africanos nos cantos mais remotos do continente. (THIONG'O, 1985, p. 2). Um imperialismo total que, com a bala subjuga fisicamente os corpos e com a língua subjuga espiritualmente as mentes. (THIONG'O, 1985, p. 9). Em todo o livro, as denúncias do imperialismo, capitalismo, neocolonialismo são enquadradas em termos que remetem à submissão, à intromissão, ao subdesenvolvimento ou à escravidão. Mas, para entender o imperialismo cultural, no qual Ngugi enquadra suas ideias, precisamos ver como o autor compreende este imperialismo. A língua é entendida como um meio de comunicação e como um portador de cultura (THIONG'O, 1985, p.13). Mas o primeiro elemento

lhe interessa muito menos do que o segundo. E Ngugi (1985, p.15) coloca alguns aspectos para a compreensão da língua como cultura:

Culture is a product of the history which it in turn reflects. Culture in other words is a product and a reflection of human beings communicating with one another in the very struggle to create wealth and to control it. But culture does not merely reflect that history, or rather it does so by actually forming images or pictures of the world of nature and nurture. Thus the second aspect of language as culture is as an image-forming agent in the mind of a child. Our whole conception of ourselves as a people, individually and collectively, is based on those pictures and images which may or may not correctly correspond to the actual reality of the struggles with nature and nurture which produced them in the first place. (1985, p. 15).

Cultura e língua são inseparáveis na visão do autor, ademais, elas duas carregam a história do povo. São responsáveis por resguardar uma história essencial de determinado grupo, assim, todo e qualquer povo colonizado (e o colonizado é físico e mental submetido) são, também, apartados da sua cultura, sua língua e da sua verdadeira história, pois estas foram “esmagadas” por uma força exterior que os separa de sua essência. De acordo com Ngugi, todo grupo humano apartado desta tríade (língua, cultura e história própria) estará forçado a um tipo de inferiorização e dominação, pois, separado do que é realmente seu, só resta a subalternização. Enquanto se retira a terra do autóctone, também se retira dados essenciais de sua mentalidade. A língua, que carrega traços da cultura e que reflete a história, é toda alienada do autóctone pela força e persuasão do colonizador.

A educação, como já vimos, é a uma das instituições pela qual os três imperialismos atingem o indivíduo. Ngugi (1985, p11) declara que após a declaração de Emergência em 1952, iniciando formalmente a guerra de guerrilhas Mau Mau, o inglês foi declarado a língua oficial da educação e que todos tinham que reverenciá-la. Escreve ele:

It starts with deliberate disassociation of the language of conceptualisation, of thinking, of formal education, of mental development, from the language of daily interaction in the home and in the community. It is like separating the mind from the body so that they are occupying two unrelated linguistic spheres

in the same person. On a larger social scale it is like producing a society of bodiless heads and headless bodies. (THIONG'O, 1985, p. 28).

Ngugi reflete sobre uma educação colonial alienadora que ele mesmo recebeu. Para ele, os estudantes recebem exclusivamente a cultura de um mundo que é exterior ao deles, e que faz com que eles sejam colocados fora de si para olhar a si mesmos. É uma espécie de dissociação, divórcio ou alienação do meio em que se vive. (THIONG'O, 1985, p.17). Ngugi se contradiz e, mesmo Achebe reconheceu esse erro, dado que os kikuyus buscaram uma formação na língua inglesa em suas escolas independentes. Ngugi não concebe uma possibilidade de criolização da língua ou uma adoção da língua inglesa com as lógicas da língua kikuyu.

Ngugi procede o desenvolvimento de sua ideia dizendo que “literature by Africans in European languages was specifically that of the nationalistic bourgeoisie in its creators, its thematic concerns and its consumption”. (THIONG'O, 1985, p.20). A língua, cultura e história dos burgueses, assim denominadas, é a da Europa. E o escritor que escreve nas línguas da Europa é nada mais que um escritor afro-europeu, não um verdadeiro escritor africano. Essa tradição afro-europeia, que Ngugi ataca vai seguir, segundo ele, reinando enquanto África continuar sob o manto do capital europeu e neocolonial estabelecido. A literatura afro-europeia é definida como a literatura escrita por africanos em línguas europeias na era do imperialismo. (THIONG'O, 1985, p. 27). Estes autores e os burgueses, seu público, são os que se entregam à língua e a cultura europeia, distanciando-se de suas raízes africanas. Outros autores africanos, como Chinua Achebe, discordam de Ngugi. Achebe (1990, p.60) considera simplística a proposta de Ngugi: “On language we are given equally simplistic prescriptions! But after its abolition we remain seriously divided on what to put in its place.” Achebe não vê problema algum em utilizar a língua inglesa. Para esse autor, o uso da língua do colonizador é um modo de desafiar a presença da Europa com as armas intelectuais da própria Europa. (ACHEBE, 1990, p.71-72). Ele acrescenta: “Let no one be fooled by the fact that we may write in English, for we intend to do unheard things to it”. (ACHEBE, 1990, p. 74). Achebe está distante da proposta de Ngugi e aceita que um romance africano é um livro que seja sobre a África, pois o continente não é apenas um panorama geográfico, mas um panorama metafísico, um ponto de vista de uma posição particular para se pensar o todo. Ngugi e Achebe distanciam-se em suas

ideias sobre língua e literatura africana, enquanto o primeiro possui uma visão mais fechada e radical, Achebe é mais pragmático e aceita que uma língua falada por um africano em solo africano é justificativa suficiente para seu uso. (ACHEBE, 1990, p. 92-93).

O colonialismo, dito de forma geral, é um conceito um tanto vago; devemos saber diferenciar os locais, a história e o percurso de cada intelectual e suas conexões com seus devidos países e locais de vida, para termos uma ideia mais clara sobre cada um dos casos. Um estudo comparativo do colonialismo em Nigéria e no Quênia, bem como do percurso desses autores extrapolam as barreiras deste artigo, mas é uma pesquisa que abriria mais perspectivas ao estudo da história do colonialismo e da história da literatura africana. É por isso que devemos saber que Ngugi e as particularidades da história do Quênia o impactaram de forma diferente das características distintas da história nigeriana e dos seus povos e que pesam sobre Achebe. A busca pela explicação e compreensão do mundo em que habitam esses dois autores tomaram direções diferentes e buscaram resultados diferentes, pois, se a receita de Ngugi não serve para a Nigéria, certamente a receita de Achebe não é uma boa proposta para o leste africano.

Nas teorias de Lênin e Fanon é que Ngugi vai desenvolver sua ideia de descolonização de mentes e, também, na ideia de classes sociais, que existem bem-sedimentadas na sua visão de sociedade. Ele afirma que, enquanto os burgueses traem sua africanidade ao se aproximarem da Europa, os aldeões e proletários mantêm vivas as línguas nacionais. E estes, mesmo quando obrigados a tomar a língua do mestre, africanizam-nas. (THIONG'O, 1985, p. 22). Ngugi não leva adiante essa ideia de africanização da língua dos mestres, perde uma chance de enriquecer uma discussão onde, talvez, poderia se aproximar da prescrição de Achebe.

Ngugi urge para que os intelectuais africanos escrevam na língua do povo, pois aqueles que escrevem numa língua europeia continuam a patrocinar o imperialismo cultural dentro de África, dando manutenção e fazendo prosperar o neocolonialismo. A literatura africana só pode ser escrita nas línguas africanas, *i.e.*, as línguas das classes proletárias em que os verdadeiros nacionalistas residem e em que a inevitável quebra revolucionária com o neocolonialismo vai ocorrer (THIONG'O, 1985, p. 26-27). Os escritores africanos devem:

[...] reconnect themselves to the revolutionary traditions of an organised peasantry and working class in Africa in their struggle

to defeat imperialism and create a higher system of democracy and socialism in alliance with all the other peoples of the world. Unity in that struggle would ensure unity in our multi-lingual diversity. It would also reveal the real links that bind people of Africa to the peoples of Asia, South America, Europe, Australasia and New Zealand, Canada and the U.S.A. (THIONG'O, 1985, p. 29-30).

Os intelectuais, como o próprio Ngugi, devem reconectar-se com os subalternos, suas línguas e a luta revolucionária inevitável. A teleologia de Ngugi, fortemente marxista, vai nos levar ao socialismo, à maior democracia e à revolução mundial. A missão, segundo o autor, é simples. Línguas africanas devem ser utilizadas na escrita de livros, peças de teatro e contos, para poderem se comunicar com os seus determinados grupos africanos, levando uma mensagem de conscientização e com o potencial efeito de quebrar com o neocolonialismo. (THIONG'O, 1985, p. 30).

Para Ngugi, os intelectuais estão divididos entre aqueles que pertencem ao *establishment* e aqueles que lutam contra o *status quo*. Existem os intelectuais que servem a raça dominante, a nação dominante ou a classe dominante, que não necessariamente são recrutados dentro da raça, nação ou classe dominante. Eles podem ser recrutados mesmo entre os dominados. Esse seria o intelectual que serve aos propósitos da dominação cultural das elites imperialistas, sejam elas africanas ou estrangeiras. Além disso, são responsáveis por racionalizar “a world view or an outlook which is in harmony with the needs and positions of the dominating nation, race or class”. (THIONG'O, 1985, p.19). Por outro lado, Ngugi acredita que existem

[...] other intellectuals who express a world view which is in harmony with the needs and positions of the dominated class, race or nation: in other words, who rationalise a world view which reflects the need for change. And this need for change is not an abstraction for the person who is dominated, that is, for a person who has been set upon, it is part of the objective reality of that situation for him to want changes, whether he believes this change is possible or not. So, those intellectuals of the dominated classes or nations, of course, can also be recruited from any classes. (THIONG'O, 1985, p. 19).

A receita não é nova quando se trata de intelectuais em conflito sobre diferentes visões de mundo, principalmente as dicotômicas aqui presentes. Chomsky (2006, p. 201-202) já escrevera sobre os *dissidentes* e os *comissários*, ideia retirada de Isaiah Berlin (1909-1997). Os primeiros são os intelectuais que desafiam o poder, o *status quo* e a situação subalterna de determinado grupo, os segundos são os intelectuais bajuladores, que procuram passividade, obediência e ignorância das pessoas. (CHOMSKY, 2002, p.17). Ngugi se encaixa, se vê e busca agir como um dissidente. E a ideia deste embate é perceptível em determinados contextos. O exílio de Ngugi acirrou a percepção do autor quanto a sua busca por uma base intelectual dissidente e que buscasse explicar as sevícias, pelas quais ele e outros foram vitimados. Sevícias que para ele não terminaram com as injustiças do colonialismo, das operações de contrainsurgência desumanas, do mau-tratamento dado aos combatentes Mau Mau pelo governo de Jomo Kenyatta, mas que continuaram e se institucionalizar na República do Quênia. Desigualdades que não acabaram com o fim da dominação colonial, mas que continuam fazendo parte de um sistema mundial de capitalismo e imperialismo. Da sua militância e atuação como intelectual com o povo na região de Limuru, veio a repressão do governo pós-colonial. Seu papel de intelectual revolucionário, em meio aos trabalhadores e aldeões foi reprimido com prisão, injustiça e censura. Ngugi(1985), escreve:

The whole point of a neo-colonial regime imprisoning a writer is, in addition to punishing him, to keep him away from the people, to cut off any and every contact and communication between him and the people. In my case the regime wanted to keep me away from the university and the village and if possible to break me. (1985, p. 64).

Ngugi busca as explicações da realidade queniana no marxismo, em Lênin, em Fanon, e numa postura afrocêntrica. Por compreender, atuar e desenvolver suas ideias dentro destas áreas do saber, Ngugi, como intelectual dissidente, sofreu as repressões de um governo autoritário, cujas ligações com o passado colonial ele enxerga e denuncia. Do mesmo modo em que Ngugi cria personagens messiânicos, detentores de um saber que podem salvar o povo, Ngugi elege heróis da sociedade e da história queniana que, por meio de seus exemplos e saberes, podem ter o mesmo efeito no mundo real. Não só os admira, mas talvez busque ser um.

Gakaara wa Wanjai (1921-2001) foi um escritor kikuyu, que redigiu brochuras políticas e religiosas durante o período Mau Mau, acabando, por isso, preso. Até os anos de 1970, a literatura kikuyu não passava de brochuras vendidas a preço baixo pelos autores-editores. (RICARD, 1995, p. 118). Ngugi descreve Gakaara como um homem que trabalhou na pobreza, nas dificuldades da prisão e no isolamento pós-colonial, sempre escrevendo em língua kikuyu e inspirado na luta anticolonial Mau Mau. (THIONG'O, 1985, p. 24). Um verdadeiro exemplo a ser seguido. Gaakara produziu revistas nacionalistas escritas em kikuyu, como *Waigua Atia?* (Quais as novidades?) entre outros trabalhos de cunho político como *Kienuy kia Ngai Kirima-ini gia Tumutumu* (O guerreiro da colina Tumutumu) e canções como *Nyimbo cia Gikuyu na Mumbi* (As canções de Gikuyu e Mumbi). Por toda essa atividade, Gaakara foi aprisionado entre 1952 e 1959. (PUGLIESE, 1994, p. 178-179). Para Ngugi, Gaakara é um exemplo de intelectual que produz uma literatura verdadeiramente africana.

O historiador marxista e queniano, Maina wa Kinyatti traduziu e editou alguns trabalhos de Gaakara, introduzindo palavras inusuais ao trabalho deste escritor. Kinyatti impôs termos e expressões que são bastante comuns nos seus próprios escritos, como *brain-washing* ou *imperialism*. Segundo Pugliese (1994, p.183): “Almost every time Gakaara mentions the name of a camp officer or a Briton, we find it preceded by ‘the imperialist’ or ‘the colonialist’, and possibly these words were added by Kinyatti to give a more ‘militant’ note [...]”. A importância destes dois autores para se pensar Ngugi é devido ao trabalho que este último realizou com Kinyatti e a maneira como Ngugi heroiciza Gaakara. O fato de Gaakara tê-lo precedido na escrita de um manifesto sobre a imposição de uma língua estrangeira aos africanos, em trabalho denominado de *Ugwati wa Muthungu Muiru* (O perigo do negro europeu), que trata dos problemas psicológicos das pessoas linguisticamente colonizadas, passou despercebido e ainda é inexistente nas academias. (PUGLIESE, 1994, p.181).

Maina wa Kinyatti publicou um livro chamado *Kenya's Freedom Struggle, The Dedan Kimathi Papers* (1986), em que traduziu diversas cartas de guerrilheiros Mau Mau, canções criadas por eles, documentos e atas de reuniões dos militantes sobre seus planos e sua situação, nas quais Ngugi assina o prefácio. Ele declara:

History IS subversive because TRUTH is! The unavenged father's ghost of Kimathi's struggle and his KLFA, walks the days and nights of today's neo-colonial Kenya. The masses know it. So, too, do the rulling comprador bourgeoisie. Hence the continuing repression; and its opposite – RESISTANCE. The 1980s and 1990s will see the conflict played out to its logical conclusion – liberation from neo-colonialism. These papers will play their part in that struggle by providing lessons from the weakness and strenghts; the failures and the successes of the past. (THIONG'O, 1986, p. XVI).

Ngugie Kinyatti<sup>7</sup> Os documentos da guerrilha Mau Mau traduzidos por Kinyatti, segundo indicação são dois dissidentes intelectuais que possuem os verdadeiros saberes da organização social do Quênia e até do mundo. Além disso, são contrários aos interesses exploratórios da elite nacional e internacional. E as suas ideias estão solidamente situadas num pilar de determinado conhecimento histórico que é marxista, pan-africano, dicotômico, militante e centrado no Quênia. Ngugi e Kinyatti assumem que a história é feita de embates entre homens e mulheres; embate que é sobre o trabalho e os frutos do trabalho (THIONG'O, 1986, p.XIII); assumem que sua história é a história real e verdadeira, em contraponto a um saber dos intelectuais imperialistas e servidores deste (THIONG'O, 1986, p. XV; KINYATTI, 1986, p. XIX); a luta do povo queniano ocorre pelos mesmos motivos e objetivos das lutas de liberação de outros países do terceiro mundo (THIONG'O, 1986, p.XV); em que os heróis Mau Mau, ou KLFA, e um de seus comandantes, Dedan Kimathi (1920-1957) e de outros períodos quenianos, como o chefe-guerreiro Waiyaki (que possui o mesmo nome do herói professor de *The River Between*), são símbolos de resistência ao colonialismo; e, ademais, a situação do Quênia e de África é marcada pela luta contra a dominação estrangeira. (THIONG'O, 1986, p. XIV). A história destes dois autores, Ngugie Kinyatti, uma história que tem heróis e verdades libertadoras, é subversiva, pois desafia os donos do poder. É, segundo eles, uma história que tem o poder de emancipar as mentes, quebrar correntes e levar a sociedade queniana a um estágio superior.

### Considerações finais

Ngugi espera que os intelectuais e escritores africanos façam pela sua língua o que Milton e Shakespeare fizeram pelo inglês, o que Pushkin e Tolstói fizeram pelo russo (THIONG'O, 1985, p.29). Ngugi é Waiyaki, seu personagem de *The river between*, que une o melhor do mundo africano e

do mundo europeu e que, pela educação, seu Deus, vai ser guiado e guiará os outros. (THIONG'O, 1965, p.109). A inspiração de suas obras literárias e militantes vem de diversas fontes: sua memória individual e coletiva; sua educação cristã e universitária, e determinadas percepções da história africana e queniana. Analisarei cada um destes pontos a seguir.

Ngugi foi vítima do colonialismo em meio à guerra de guerrilhas Mau Mau contra os colonos britânicos e os lealistas autóctones. Sofreu as sevícias das operações contrainsurgentes e viu as pessoas ao seu redor serem presas, torturadas e mortas. Acho imprescindível entender a guerra de guerrilha Mau Mau como um determinante de sua formação, dado que as operações contrainsurgentes foram levadas a cabo por lealistas kikuyus, entre outros autóctones. Neste tipo de guerra, as zonas de ação e as frentes de batalha são pouco definidas ou quase inexistentes. As ações bélicas podem estar em todos os lugares ou em nenhum. É disto que uma guerrilha vive: da independência de bases sólidas, da mobilidade e capacidade de surpresa. Para derrotar isso, numa guerra que levou oito anos, a contrainsurgência britânica se valeu de campos de concentração, separando as populações dos guerrilheiros, isolando-os de apoios civis e fazendo com que essas operações de supressão da guerrilha fossem irrestritas, ou seja, todo kikuyu (fora os lealistas) era um inimigo em potencial. O problema é que Ngugi entende esse sofrimento colonial como o de todo africano e é essa a relação de embate entre colonizado e colonizador, que vai pesar na sua percepção de África. Como indivíduo, Ngugi) sentiu isto em como kikuyum habitante das terras altas do Quênia Central, grupo que mais sofreu durante a guerra, seja como combatente Mau Mau ou como lealista, compartilha a memória coletiva de um período terrível da História. A vida na aldeia da hinterlândia, o período entre a guerra Mau Mau e os anos após a independência, época de sua juventude traumática, são as principais ambientações de suas diegeses.

A tradição histórica que Ngugi segue surgiu de uma historiografia caracterizada por uma visão dicotômica da ideologia colonial, da oposição do colonizador e do colonizado. Esse binarismo é um mecanismo útil para explicar questões de poder, mas limitam “[...] a forma exata pela qual o poder é difundido e as formas como esse poder é engajado, contestado, desviado e apropriado” (COOPER, 2008, p. 22-23). A decepção dos africanos, depois das independências, foi compreendida em determinantes econômicos e sociais (COOPER, 2008, p. 25) e Ngugi compartilha disto. Simon Gikandi (2008, p. 6) afirma que a história é quase um personagem dos romances de Ngugi e está correto. Ele afirma que a cena literária africana preocupava-se com um passado trágico, quando a missão do escritor era fornecer um

“[...] sentido adequado da própria história”. Ngugi realiza isso na sua própria maneira. Primeiro, ambienta sua diegese e sua militância dentro da dicotomia do enfrentamento, que não é total, pois existem áreas de entrelaçamento, nas quais ele mesmo utiliza os saberes introduzidos pelo colonialismo, e isso não quer dizer que essa introdução foi somente pela via da violência e submissão, mas também por próprio interesse de Ngugi e de outros kikuyus ou africanos. Ngugi não critica o uso do alfabeto latino, das epistemes ocidentais ou dos diversos saberes trazidos pelo colonialista. E, mesmo que esses instrumentos sejam utilizados pelos imperialismos que ele detecta, os mesmos podem ser utilizados para seus projetos militantes. Como diz Waiyaki (THIONG’O, 1965, p. 119): “[...] the white man’s education was an instrument of enlightenment and advance if only it could be used well.” Daí a aceitação das vias democráticas, socialistas e pan-africanas.

Para a história do Quênia e de África, o pensamento dele segue uma via semelhante. Nas dimensões das narrativas de Ngugi, as verossimilhanças com a realidade surgem dentro da dicotomia de embate não totalizante, ora utilizando suas memórias afetivas e militantes (BOILEY; THIOUB, 2004, p.27), ora utilizando uma interpretação histórica carregada de marxismo, principalmente influenciada por Lênin e Fanon. Sua interpretação da história também decorre de uma percepção de longa duração, em que as raízes dos problemas presentes podem ser rastreadas séculos atrás. Ngugi deixa escapar que a África começou a se tornar o que se tornou nos dias atuais quando os primeiros europeus chegaram séculos atrás. A mesma linha segue Chomsky, dizendo que África possui 500 anos de subalternização. (CHOMSKY, 1997, p. 64). É como se os militantes contemporâneos levassem ao passado, mesmo ao mais longínquo, os problemas do presente que buscam resolver, além de criar bases críveis às suas explicações. Anulam, deste modo, muitas das possibilidades dos estudos históricos e da problematização do passado e homogenizam os indivíduos, os grupos e mesmo os diferentes tempos históricos.

A explicação de fenômenos passados sofrem do que chamamos *verdade de desvendamento*. Se perguntarmos as razões da guerra Mau Mau, da colonização do leste africano ou da independência queniana, não podemos responder com sim ou não. Não estamos lidando com datas e fatos, mas sim com narrativas que variam entre as diversas possibilidades de explicação. (TODOROV, 1991, p. 128). Ngugi cria narrativas críveis sobre as razões do colonialismo, sobre a história do Quênia, sobre a vida dos indivíduos, as

comunidades afetadas e os motivos do imperialismo. Análises históricas profundas podem inviabilizar parte de suas explicações sobre o passado queniano e africano, mas podemos rastrear que elas seguiam as lógicas dos neomarxistas e da teoria de dependência, em voga nos anos 1970 e 1980.

Quando Ngugi) diz esperar que os autores africanos façam pela sua língua o mesmo que os autores ocidentais fizeram pelas suas, ele tem a ideia de estado-nação em mente. Fronteiras bem-definidas, culturas distintas e facilmente identificáveis, com línguas fechadas em determinado território e povos que partilham os mesmos saberes e interesses. Ngugi também essencializa os povos, suas culturas e mesmo suas histórias, como se cada povo tivesse atributos essenciais. Desta forma, ele não renega um dos maiores legados coloniais, que são as instituições e as fronteiras. Ele aceita o Quênia pelo patriotismo que carrega e busca apenas mudar as estruturas de poder do estado. Nesta compreensão de estado-nação queniano, ele até mesmo elege heróis. Os Mau Mau foram lutadores independentistas e anticoloniais, Dedan Kimathi era um grande líder do povo, Gaakara foi um intelectual do povo, Harry Thuku (1895-1970) um exemplo da mobilização e da força do povo. Em geral são todos exemplos a serem seguidos e que ensinam, a partir do passado, o presente e o caminho para um determinado futuro. Receita que vem desde os historiadores gregos, quando se acredita que os acontecimentos do passado possuem uma relevância para o futuro. (MOMIGLIANO, 1990, p. 38). E, se a história relatada fornece exemplos, Ngugi, em suas narrativas, cria os seus exemplos embasado em certa percepção da história do Quênia, onde uma militante memória e história persistem.

Os indivíduos da história do Quênia são compreendidos como os personagens da sua literatura. São exemplos a serem emulados, são professores a serem ouvidos, são detentores de uma maior moral e saber que iluminam e salvam. Examinado da seguinte forma a influência cristã em Ngugi: tanto os personagens de seus escritos quanto sua postura assemelham-se a de um messias, de um guia que vai mostrar a luz, o caminho e a verdade por meio da sabedoria, da educação e do exemplo. E a história é parte essencial desta estratégia. Os romances *Weep Not child*, *The river between* e *Pétalas de sangue* apresentam personagens que, de algum modo, estão envolvidos com educação, seja como professores ou estudantes. São também personagens que sofrem as dificuldades da vida, mas enfrentam-nas com dignidade, e a ideia de redenção e sacrifício estão presentes. A primazia do imaterial é constante; a moral e o espírito são elementos que, se alterados, são capazes de alterar o mundo. Ngugi, ao explicar a natureza do estado colonial, seja em seus escritos políticos ou literários, coloca-se numa posição semelhante, onde

ele é o educador que vai operar essa transformação contra o imperialismo cultural, *i.e.*, o imperialismo que coloniza a alma.

Os escritos de Ngugi partem de sua percepção da realidade, seus escritos militantes e literários vão de encontro aos problemas políticos, econômicos e sociais identificados no Quênia e na África. Ngugi racionaliza sua posição, sua localidade, sua vida, a vida ao seu redor e seu passado e o passado de África nas suas diegeses e nos seus escritos políticos. Seguindo a ideia de Julio Cortazár (2003, p.26), as ideias de Ngugi são aproximações do real, são verossimilhanças. A literatura é uma arte que combina fantasia, imaginação, verdade, mentira e nela qualquer combinação é possível, mas na história não. (CORTAZÁR, 2003, p. 69). O que ocorre é que elementos históricos e elementos literários se combinam, mas quando um se sobrepõem ao outro, como a história sobre a literatura, o elemento literário sai perdendo, e vice-versa. (CORTAZÁR, 2003, p. 239). Ngugi consegue entrelaçar estes dados muito bem. Porém, deve-se saber separar os discursos não fictícios dos discursos fictícios presentes em toda sua escrita. Pois, desta maneira, o historior (ou qualquer outro investigador de sua obra) vai conseguir enxergar, nas entrelinhas, a origem do seu pensamento e encontrar as suaves linhas que dividem os dados históricos, os dados literários (fictícios) e os dados literários que emulam a história, *i.e.*, uma ficção histórica que carrega o dado da verossimilhança.

Ngugi escreve de uma perspectiva queniana, de uma perspectiva kikuyu e das terras altas do Quênia. Para o autor, o colonialismo é um só e é o mesmo em toda África. As classes são bem-divididas e suas ideologias e modos de pensar também. Ngugi propõem soluções para todo o continente africano com bases nos problemas que ele enfrenta no Quênia, sem se preocupar em pensar a diversidade do continente. Na realidade, mesmo no seu país a sua escrita não encontra essa homogeneidade proposta, em que na literatura kikuyu o tema Mau Mau é constante, enquanto em suaíli a temática é quase inexistente. (BERTONCINI, 1989, p.77). Uma visão homogeneizante toma conta de sua obra. Ngugi parece propor uma tomada de consciência que parte de uma consciência própria, formulada por anos de uma determinada prática colonialista, que ocorreu nas terras altas do Quênia, da história e memória da insurgência armada Mau Mau e de uma certa forma autóctone de se relacionar com os *settlers* britânicos.

Por fim, gostaria de deixar duas oportunidades abertas para se pensar em Ngugi e sua obra. Primeiro, a possibilidade de o investigar como um escritor transnacional, em que dois ou mais pontos geoculturais se relacionam,

seja de modo pacífico ou disruptivo e que podem ser detectados na forma literária (MORGAN, 2017, p.14); segundo, a possibilidade de investigar as possíveis recepções de sua audiência, ou seja, fazer uma história das audiências, nas quais se verificam as respostas coletivas dos leitores comuns (aqueles que não têm a leitura como profissão) (MALERBA, 2017, p.139), e, ainda, como esses intelectuais, que não são historiadores com treinamento acadêmico, podem estar mais próximos do público do que os próprios profissionais da história (MALERBA, 2017, p.136). Ademais, as possibilidades de estudo de Ngugi e sua obra devem passar pela compreensão do passado colonial e pós-colonial, levando em conta sua trajetória como indivíduo e, também, as particularidades da história do Quênia, dos kikuyus e do desenvolvimento da literatura no leste africano.

## Notas

---

<sup>1</sup>Vide Ousmane Sembène (1923-2007); Chinua Achebe (1930-2013); Wole Soyinka (1934-); Gaakara Wa Wanjai (1921-2001); Micere Githae Mugo (1942-); Grace Ogot (1930-2015); Tom Mboya (1930-1969); Amos Tutuola (1920-1997); Pepetela (1941-), entre outros.

<sup>2</sup>Essa dimensão do uso da sabedoria ocidental, como uma arma pelo bem da África, seja a emancipação dos seus cidadãos contra uma força opressora ou o que quer que se deseje enfrentar, aparece em diversos romances de Ngugi). Por exemplo em *Matigari*, de 1987. No início da obra, seu personagem vaga com um fuzil AK-47 em mãos, procurando por uma árvore *migumo* (figueira), uma árvore sagrada nas crenças kikuyus. Sob ela, o personagem enterra seu fuzil, sua espada e sua munição, dando adeus aos seus equipamentos e agradece pela paz obtida e inicia sua jornada de volta para casa.

(THIONG'O, 1987, p. 3-5). Ou seja, ele se utiliza de uma arma desenvolvida pela tecnologia e pelo acúmulo de saber ocidental, para lutar contra o regime colonial e, depois, se reconciliar, ao findar dos embates, dentro de suas tradições. Achebe (2009, p.122) também compartilha desta visão em relação à língua: “A verdade é que optamos pelo inglês não porque os britânicos assim desejaram, mas porque, tendo aceitado tacitamente as novas nacionalidades impostas sobre nós pelo colonialismo, necessitávamos do seu idioma para fazer nossos negócios – inclusive para derrubar o próprio colonialismo, quando chegasse a hora”.

<sup>3</sup>Devemos também levar em conta as revistas produzidas no continente como a *Transition*, fundada em 1960, que davam espaço de maior expressão para os autóctones do leste africano. (ELDER, 1993, p. 56). Ademais, esta área que não

explorarei neste artigo é ainda incipiente, não há grandes investigações sobre o impacto destas revistas na formação intelectual do leste africano. Essa revista exerceu certa influência sobre Ngugi, uma vez que ele as cita em suas notas. (THIONG'O, 1985, p. 30-33).

<sup>4</sup>Waiyaki é um homem reconhecido pelos seus vizinhos. Crianças, adultos e velhos o chamam de Professor, ele é quem possui a magia do homem branco e, assim, pode infundir na tribo mais sabedoria e força. Waiaky é também visto como “[...] the reincarnation of that former dignity and purity (THIONG'O, p. 91-92, 1965)”. Em *Um grão de trigo*, (THIONG'O, 2008, p.127) escreve, durante o fervor de seus personagens, onde nacionalismo encontra cristianismo: “Eu sou Cristo. Todo mundo que faz o Juramento da Unidade para mudar as coisas no Quênia é um Cristo. O Cristo não é então uma pessoa. Todos que carregam a cruz para libertar o Quênia são os verdadeiros Cristos para os quenianos.”

<sup>5</sup> Se observarmos as notas do capítulo dois, *The language of the african theatre* (THIONG'O, 1985, p. 35-62) e *The Quest for Relevance* (THIONG'O, 1985, p. 87-109), capítulo quatro do livro *Decolonising the mind*, encontraremos *O Capital* e *Economic and philosophic manuscript*, de Karl Marx, como fontes do autor. As principais ideias tomadas e que Ngugi carrega consigo, em suas obras, são as de luta de classe e de um capitalismo internacionalista que interfere nos países periféricos, por meio do imperialismo, colonialismo e da cooptação das elites em Estados subdesenvolvidos. Por este meio é que o aldeão ou trabalhador na base de uma sociedade, com uma estratificação facilmente detectável (segundo a

estratificação de Ngugi), se torna vítima dos interesses capitalistas de acumulação de riqueza e exploração do seu corpo.

<sup>66</sup> Segundo Todorov (1991, p.87): “A acreditar em Fanon, do colonialismo ao anticolonialismo só mudam os actores; os seus atributos assim como as suas acções continuam os mesmos. Aqui como ali, afirma-se a diferença radical, tal é o grito lançado por uns como por outros (aquilo a que Fanon chama “a afirmação descabelada de uma originalidade absoluta”). Aqui como ali, acredita-se que todos os bons estão de um lado e todos os maus de outro: “O maniqueísmo inicial que regia a sociedade colonial mantém-se intacto no período de descolonização”. Aqui e ali, o mundo dos outros é julgado perfeitamente homogêneo: “A fórmula ‘todos os indígenas são iguais’, o colonizado responde ‘todos os colonos são iguais’”.

<sup>7</sup> Os documentos da guerrilha Mau Mau traduzidos por Kinyatti, segundo indicação de Pugliese, sofreram o mesmo tipo de alterações em sua tradução para o inglês. O indício vem da tradução do trabalho de Gaakara, pois Kinyatti alterou determinadas partes para dar um caráter mais militante em prol do Quênia e dos propósitos políticos da atualidade dos autores. Expressões como *patriotic warriors*, *British imperialism* recheiam o documentos traduzidos no livro *Kenya's freedom struggle*. Por um lado, Kinyatti faz uma tradução que ampara sua militância, esta, apoiada por Ngugi) que, em sua escrita literária e militante faz o mesmo com o passado queniano na sua literatura e na diegese criada por ela. E ambos assinam as alterações realizadas em documentos que dão um caráter mais anticolonial e homogêneo ao grupo guerrilheiro.

## Referências

---

- ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sob o protetorado britânico*. São Paulo: Schwartz, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Hopes and impediments: selected essays*. Anchor Books, 1990.
- BERTONCINI, Elena Zúbková. *Outline of Swahili Literature*. Netherlands: E.J. Brill, 1989.
- BISSCHOFF, Lizelle. *Women in African Cinema: An Aesthetic and Thematic Analysis of Filmmaking by Women in Francophone West Africa and Lusophone and Anglophone Southern Africa*. School of Languages, Cultures and Religions, University of Stirling, 2009.
- BOILEY, Pierre; THIOUB, Ibrahima. Pour une histoire de la complexité. In: AWENENGO, Séverine; BARTHÉLÉMY, Pascale; TSHIMANGA, Charles (Ed.). *Écrire l'Histoire de l'Afrique Autrement?* Paris : L'Harmattan, 2004.
- CHOMSKY, Noam. *Duas Horas de Lucidez, entrevistas de Denis Robert e Weronika Zarachowicz*. Portugal: Editorial Inquérito, 2002.
- \_\_\_\_\_. O clero secular e os perigos da democracia. In: CHOMSKY, Noam. *Sobre natureza e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 201-230.
- \_\_\_\_\_. *The prosperous few and the restless many*. Arizona: Odonian Press, Tucson, 1997.
- COOPER, Frederick. Conflito e conexão: repensando a história colonial de África. *Anos 90*, v. 15, n. 27, p. 21-73, 2008.
- CORTAZÁR, Julio. *Clases de literatura*. Alfaguara, Argentina, 2013.
- ELDER, Arlene. English-language literature in east Africa. In: OWOMOYELA, Oyekan (Ed.). *A History of Twentieth-Century African Literatures*. University of Nebraska Press, 1993, p. 49-84.
- GIKANDI, Simon. Introdução. In: THIONG'O, Ngig). *Um Grão de Trigo*. Alfaguara, Rio de Janeiro, 2008, p.5-12.
- KAMANJU, Grant. Petals of Blood as a Mirror of the African Revolution. In: OWOMOYELA, Oyekan (Ed.). *A History of Twentieth-Century African Literatures*. University of Nebraska Press, 1993, p. 130-135.
- KINYATTI, Maina Wa. *Kenya's Freedom Struggle*. Book Surge, USA, 1986.
- NAZARETH, Peter. The second Homecoming: Multiple Ngigs in Petals of Blood. In: GUGELBERGER, George (Ed.). *Marxism & African Literature*. James Currey, 1985. p.118-129.
- MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 37, n. 74, p. 135-154, 2017.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes da historiografia moderna*. Bauru: Ed. da Universidade do Sagrado Coração, 1990.
- MORGAN, Peter. Literary transnationalism: a europeanist's perspective. *Journal of European Studies*, v. 47, n. 1, p. 3-20, 2017.
- RICARD, Alain. *Littératures d'Afrique Noire, des Langues aux Livres*. Paris : CNRS Éditions et Karthala, 1995.

THIONG'O, Ngig). *Matigari*. Oxford : Heinemann, 1987.

\_\_\_\_\_. *Sonhos em tempo de guerra*. São Paulo: Biblioteza Azul, 2015.

\_\_\_\_\_. The Commitment of the Intellectual. *Review of African Political Economy*, v.12, n.32, p. 18-24, 1985. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/03056248508703611> Acesso em: 12 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. *The river between*. Oxford: Heinemann Publishers, 1965.

\_\_\_\_\_. *Um grão de trigo*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008.

TODOROV, Tzvetan. *As Morais da História*. Lisboa – Portugal: Publicações Europa-América. 1991.